



Secretaria de Estado da Educação

# CLIPPING

18 de dezembro de 2012



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

**Veículo:** ADISC

**Editoria:** Coluna pelo Estado

**Data:** 15e16/12/2012

**Assunto:** Frota renovada

**Página:** Online



### Frota renovada



**P**refeitos de 133 municípios catarinenses receberam, na sexta-feira (14), do governo estadual e da bancada parlamentar catarinense, novos ônibus escolares. O investimento para a aquisição dos veículos veio do programa *Caminho da Escola*, do governo federal, no valor de R\$ 17,5 milhões. As articulações dos deputados e senadores catarinenses resultou na compra feita pela Secretaria de Educação. As prefeituras poderão programar o transporte escolar do próximo ano contando com os novos ônibus. Em alguns municípios, o veículo antigo será substituído; em outros, o novo permitirá aumentar o número de crianças atendidas. “Os prefeitos sairão da Grande Florianópolis com um ônibus zero quilômetro para contribuir com o deslocamento dos estudantes que moram longe das suas escolas. O benefício será para mais de 6.686 estudantes”, informou o secretário da Educação, Eduardo Deschamps. A fabricante dos veículos presenteou o secretário e o governador Raimundo Colombo com duas miniaturas do ônibus escolar, que acabou agradando também o vice-governador Eduardo Pinho Moreira (foto). Deschamps aproveitou o evento para apresentar um extenso balanço das realizações Secretaria da Educação em 2012. Destacou que, até o final do ano, a soma de investimentos chegará a R\$ 3,5 bilhões, equivalente a 30% da receita do Estado – um recorde histórico, já que a média fica entre 26% e 27%.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> ADISC	<b>Editoria:</b> Coluna pelo Estado	<b>Data:</b> 15e16/12/2012
<b>Assunto:</b> Programa <i>SC@2022</i>		<b>Página:</b> Online



### FaroldoFuturo



Jaqueline Noceti/

“Chegamos ao meio do caminho.” A avaliação é do secretário estadual de Desenvolvimento Sustentável, Paulo Bornhausen, sobre o andamento das ações previstas no programa *SC@2022 - Estado Máximo da Inovação*, planejado para o período de 2011 a 2014. Para ele, a mais importante ação está voltada para a Educação, que forma profissionais especificamente para atender às demandas do mercado de Tecnologia da Informação de Santa Catarina. Trata-se do Ger@çãoTec, que já emprega 70% dos quase 2 mil alunos formados até agora pelo programa, financiado com recursos do Pró-Emprego. Bornhausen defende que o programa é uma espécie de “farol do futuro” para os que frequentam os três meses dos cursos.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> ADJORI	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 14/12/2012
<b>Assunto:</b> Governador debate próximo ano letivo com diretores e gerente de Educação		<b>Página:</b> Online



# Governador debate próximo ano letivo com diretores e gerente de Educação

Secretaria de Desenvolvimento Regional de Lages  
14/12/2012 06:27:39

O governador Raimundo Colombo e o secretário da Educação, Eduardo Deschamps, reuniram-se, nesta sexta-feira, 14, com sete gerentes regionais e 190 diretores de escolas estaduais. O encontro ocorreu no Map Hotel, em Lages, e teve como pauta o próximo ano letivo. Colombo iniciou seu pronunciamento parabenizando os profissionais pela superação dos desafios que se apresentaram durante este ano, e ressaltou que o comprometimento com a atividade deve ser contínuo. “A arrecadação do Estado diminuiu, e por esse motivo não concretizamos tudo o que desejávamos, mas vocês conseguiram manter a estrutura educacional funcionando”, disse o governador. “Que cada um de vocês tenha como desafio pessoal buscar a melhoria da gestão em cada uma das nossas escolas”, concluiu.

Os investimentos que serão feitos para melhorar a infraestrutura das instituições também foram citados por Colombo. “O Pacto por Santa Catarina injetará R\$ 300 milhões na Educação. O setor será modernizado física e pedagogicamente.” Para citar um exemplo, a escola de Educação Básica de Lages, conhecida como Colégio Industrial, que atende a 1500 alunos, está entre as dezenas de instituições que serão reformadas, a um custo de aproximadamente R\$ 6 milhões.

O encontro fechou o ciclo de reuniões realizado pela SED nas cinco macro regiões do Estado. O secretário Deschamps ressaltou que os debates serviram para aperfeiçoar a qualidade do ensino no Estado. “Fizemos um balanço geral da Educação, e estamos preparados para proporcionar mais qualidade aos alunos e professores.”

Em 2013, o trabalho da SED será dividido em quatro eixos principais: o pedagógico, que terá como destaque a alfabetização, o ensino médio integral, a educação profissional e a reforma da proposta curricular; o profissional, que dará ênfase à formação continuada, carreira e piso salarial, e a contratação de dois mil novos professores; a infraestrutura, que terá como foco a manutenção e a revitalização das escolas, além de investimentos em novos ginásios; e a gestão escolar, que incentivará projetos idealizados pelas escolas, e firmará parceria com os municípios.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> O Globo	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 18/12/2012
<b>Assunto:</b> Enem pode ser aplicado via computador a partir de 2016		<b>Página:</b> Online



### ENEM PODE SER APLICADO VIA COMPUTADOR A PARTIR DE 2016

Prova do futuro teria questões adaptadas às habilidades de cada candidato

Provas de concurso público feitas com papel e caneta podem estar com os dias contados. A Fundação Cesgranrio — atual responsável pela aplicação de vestibulares, concursos e avaliações como o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e o Exame Nacional de Avaliação do Desempenho dos Estudantes (Enade) — está iniciando um projeto de elaboração de testes adaptativos por computador para concursos de larga escala. O sistema, que já é utilizado em alguns exames dos EUA, tem como principal premissa a realização de provas 100% informatizadas, nas quais os limites das habilidades e competências de cada estudante são levados em consideração o tempo todo durante o teste.

Para elaborar o projeto, a Cesgranrio se baseia no método desenvolvido na Faculdade de Psicometria da Universidade de Cambridge, na Inglaterra. Segundo o professor Ruben Klein, especialista em avaliação e consultor da fundação, a implantação desse tipo de teste no Brasil promete revolucionar o conceito de avaliação. Além de provas mais atraentes, com a possibilidade do uso de recursos multimídia, como vídeos e músicas nos enunciados, a aplicação dos exames em computadores diminuiria gastos com transporte, impressão e logística, e acabaria com a necessidade de os exames serem realizados em um único dia. Entretanto, especialistas questionam a viabilidade de se aplicar no Brasil uma prova de modelo adaptativo em um futuro próximo.

Nível de dificuldade se adapta ao aluno

A Cesgranrio planeja utilizar o sistema em dois ou três anos começando por avaliações com poucos alunos e evoluindo para uma aplicação em larga escala. Uma prova do tamanho do Enem poderia ser feita no modelo adaptativo por computador daqui a quatro anos, de acordo com as previsões de Klein.

— No papel, é complicado fazer uma prova adequada a todos. Se um aluno acerta todas as questões ou não responde nada porque está muito difícil, você não está medindo bem as suas habilidades. Pelo computador, nesse conceito adaptativo, de acordo com as respostas marcadas pelo candidato, o sistema seleciona questões mais apropriadas para as competências desse estudante. O nível de dificuldade das perguntas seguintes varia segundo o desempenho dele em cada item, e a nota é calculada pela Teoria de Resposta ao Item (TRI), que considera se o aluno fez uma prova mais fácil ou difícil. A ideia é ter um diagnóstico preciso das deficiências de cada estudante nas habilidades analisadas — explica o consultor.

— Em até quatro anos, poderemos utilizar o modelo no Enem.

No entanto, para a implementação do projeto numa avaliação como o Enem, três pontos precisam estar muito bem ajustados: em primeiro lugar, é preciso montar um banco de questões robusto, capaz de sustentar provas diferentes para milhões de estudantes (neste ano, cerca de 4 milhões fizeram o exame); as técnicas da TRI devem ser transparentes para toda a população e muito precisas para evitar injustiças; e o ambiente virtual de aplicação dos testes deve ser blindado contra o ataque de hackers.

O professor Leonardo Cordeiro, mestre em matemática pura e aplicada pelo Impa, vê com desconfiança os planos da Cesgranrio.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

— Os exames do Scholastic Assessment Test (SAT), dos Estados Unidos, que são muitas vezes comparados ao Enem, não usam as provas adaptativas por computador. O modelo lá é usado em diversos exames. Mas, na prova que tem objetivo parecido com o nosso, com uma quantidade relevante de candidatos, não é utilizado. Então, devemos questionar por que isso seria feito no Brasil. Se fosse para ser uma tecnologia só para avaliação, tudo bem, mas quando a gente fala de um teste que vai selecionar para as principais universidades públicas, é preciso muito cuidado. As técnicas da TRI ainda são uma caixa-preta para a grande maioria da população. A tecnologia adaptativa seria a caixa-preta da caixa-preta — afirma Cordeiro.

Questões poderiam ser usadas por escolas

Para o professor de redação Bruno Rabin, diretor do colégio e curso \_A\_Z, o modelo traria vantagens se fosse aplicado com precisão, o que ele acha difícil ocorrer em menos de 15 anos.

— Os testes adaptativos têm muitas vantagens, como a possibilidade de fazer a prova em diferentes datas, uso de material multimídia etc. O modelo é interessante. Mas o Brasil não tem tradição cultural para metodologias quantitativas de avaliação. Uma prova adaptativa exige precisão. Qualquer erro será replicado e, em se tratando de uma seleção, pode causar injustiças — pondera o professor.

O projeto em elaboração pela Cesgranrio também tem o objetivo de, a partir da construção de um grande banco de itens, disponibilizar questões para provas escolares em todo o ensino básico. Segundo o consultor Ruben Klein, seriam dois bancos distintos, um para ser usado no ensino e outro nas avaliações.

Arnaldo Willian Pinto, diretor pedagógico de educação básica da Pearson — empresa de soluções em educação — comemora a notícia:

— O professor ter acesso a uma plataforma que permitirá diagnósticos mais contínuos na escola é muito bom. É muito mais eficiente conhecer a proficiência dos alunos nas habilidades do que dizer que ele não é bom em matemática ou em português.

### **MEC trabalha para ampliar Banco Nacional de Itens**

Para ser possível a aplicação do Enem via computador, com provas diferentes e adaptadas a cada estudante, é fundamental haver um grande universo de enunciados que podem ser usados no exame. Entretanto, o Banco Nacional de Itens (BNI), que fornece questões para testes como o Enem, Enade e Provinha Brasil, foi, por vezes, criticado pela falta de transparência. Em junho deste ano, O GLOBO recorreu à Lei de Acesso à Informação para saber o número de itens no banco. Mas o Instituto Nacional de Ensino e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) respondeu que não divulgaria a quantidade por se tratar de informação classificada no grau de sigilo "reservado".

Segundo a resposta, "a divulgação de informações relativas aos bancos de itens do Inep, assim como de seus elementos intrínsecos (itens, parâmetros pedagógicos, estatísticas dos mesmos, estruturas e processo de funcionamento), pode comprometer a segurança e o desenvolvimento das ações de avaliação conduzidas pelo Instituto". Em entrevista ao GLOBO, o presidente do Inep, Luiz Claudio Costa, negou falta de transparência.

- Não é mistério. Mas o que o ministro fala sobre o banco é verdade: é o nosso cofre. Professores de 36 instituições federais estão trabalhando fortemente na produção de itens de qualidade com todo o critério. E essas questões serão utilizadas.

Em 2011, quando 14 questões do Enem vazaram para Alunos do Colégio Christus, em Fortaleza, o BNI tinha cerca de 6 mil itens. À época, especialistas disseram que o mínimo ideal seria de 40 mil itens, o que reduziria a chance de vazamento. No início deste ano, o MEC convocou universidades para elaborar novas questões. A meta é chegar a 100 mil.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Em setembro, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) criou o portal gratuito Ensino médio Digital, que disponibiliza um banco com 4,6 mil questões, que terá mais 1,4 mil itens até abril de 2013.

Para montar o banco de questões, disponível em [www.Ensinomedioidigital.fgv.br](http://www.Ensinomedioidigital.fgv.br), a fundação reuniu mais de cem Professores de Escolas públicas e privadas como Pedro II, Santo Inácio, Santo Agostinho e Andrews. Cerca de mil questões são relacionadas ao conteúdo do Ensino médio e podem servir para avaliar Alunos do 1º e do 2º ano. As demais seguem o formato do Enem.

A meta é que, em até cinco anos, o banco da FGV tenha 50 mil questões. O objetivo é contribuir para a mudança do modelo do Enem, tanto em termos do grau de segurança do exame quanto em sua capacidade de melhorar a qualidade do Ensino médio. Carlos Ivan Simonsen, presidente da FGV, chegou a apresentar a proposta para o ministro da Educação, Aloizio Mercadante.

- Ele gostou bastante da ideia - conta Simonsen.

As instituições federais seguem produzindo questões para o BNI do Inep. Um trabalho difícil, segundo o Professor de uma universidade carioca, que pede para não ser identificado por ter assinado um termo de sigilo:

- Os Professores estão amadurecendo e construindo a cultura das habilidades em lugar do conteúdo programático que sempre norteou os vestibulares. Muitos itens são negados e reenviados para correção. Num primeiro ano de convênio, as universidades estão abaixo da meta.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Zero Hora	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 18/12/2012
<b>Assunto:</b> Opinião: a educação e os primatas		<b>Página:</b> Online

# ZERO HORA

## OPINIÃO: A EDUCAÇÃO E OS PRIMATAS

"A causa essencial do analfabetismo funcional, e de suas decorrências, foi/é o abandono de uma das ferramentas básicas de formação lógica da mente na idade juvenil: a análise sintática", afirma J. H. Dacanal

Os concursos para Professor, os exames vestibulares, o Enem e as estatísticas do IBGE sobre Analfabetismo funcional são provas devastadoras do desastre que é o nível da Educação no Rio Grande do Sul e no Brasil. E nos debates e mesas-redondas sobre o tema os participantes não raro demonstram despreparo, ignorância e desorientação, beirando o patético. E no entanto, para falar apenas no Ocidente, sabe-se há pelo menos 2,5 mil anos que ensinar é simples: na idade apropriada e em condições básicas de alimentação e saúde basta estabelecer o conteúdo, aplicar o método adequado a este, exigir disciplina e remunerar razoavelmente o instrutor. Como o fazem ainda os Colégios Militares, que estão sempre entre as raríssimas boas Escolas do país. O que fica evidente nos altíssimos índices de aprovação de seus Alunos nas universidades e nos institutos de Ensino superior do país.

Deixando de lado outras componentes fundamentais que levaram a este caos no Brasil – espantoso crescimento da população, intempestivas mudanças tecnológicas, teorias esdrúxulas, péssima formação e má remuneração dos Professores etc. –, é imprescindível perceber que a causa essencial do Analfabetismo funcional, e de suas decorrências, foi/é o abandono de uma das ferramentas básicas de formação lógica da mente na idade juvenil: a dissecação rigorosa da estrutura das línguas indo-europeias, comumente conhecida como análise sintática. E hoje denominada velharia por cretinos e incompetentes de vários matizes.

Mais ainda do que os rigorosos exercícios manuais de álgebra – aprende-se também pelo músculo! –, a análise sintática, lado a lado com o correlato aprendizado de outras línguas, foi o instrumento fundamental de formação e disciplinamento dos gênios do passado. E também dos demais. E continua sendo.

Porque a natureza humana por enquanto continua a mesma. E porque, como afirmou Steve Jobs pouco antes de falecer, “a tecnologia não muda as pessoas”. Ele se esqueceu de dizer – o que alguns de seus compatriotas já descobriram! – que ela emburrece ainda mais os símios da periferia. Espécie que, apesar da devastação ambiental, tem se multiplicado monstruosamente.





## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

**Veículo:** O Estado de São Paulo

**Editoria:** Educação

**Data:** 18/12/2012

**Assunto:** Opinião: cérebro e alfabetização

**Página:** Online

# O ESTADO DE S. PAULO

## Opinião: cérebro e alfabetização

"A capacidade de reconhecimento de palavras independentemente do contexto é uma das marcas que melhor diferenciam os bons dos maus leitores. Nada disso consta das propostas do MEC nem dos materiais que oferece", afirma João Batista Araújo e Oliveira

O que diriam os neurocientistas e estudiosos da Ciência Cognitiva da Leitura se o Ministério da Educação (MEC) lhes pedisse para opinarem sobre o recém-lançado programa Alfabetização na Idade Certa? Embora essa parcela da comunidade científica não tenha sido convidada a opinar, é justo que a sociedade saiba o que a ciência do cérebro tem a dizer sobre essa questão.

O maior problema, parecidos, reside na definição e, no caso em questão, na falta dela. O que é alfabetizar? No sentido etimológico, é ensinar o alfabeto. No psicológico, apropriar-se das regras de funcionamento do código alfabético. E, no neurológico, ensinar o cérebro a ler, a estabelecer as conexões entre fonemas e grafemas de forma consistente com o respectivo código da cada língua.

A clareza da definição permite avançar. Sua falta prejudica todo o resto. O conceito é de Aristóteles. Em nenhum documento do referido programa existe uma definição de Alfabetização, que é, neste caso, confundida com várias outras coisas.

Uma das confusões está na compreensão dos textos. Em A Arte de Ler, publicado em 1994 pela Universidade de São Paulo (USP), o Professor José Morais, da Universidade de Bruxelas, já fazia com clareza a distinção entre ler e compreender. A neurociência comprova que indivíduos são capazes de ler sem compreender, o que demonstra a especificidade dessa aprendizagem. E aí reside a raiz dos demais problemas desse programa. Há mais de 30 anos os psicólogos que estudam a Alfabetização vêm demonstrando que as dificuldades de compreensão são independentes das da leitura: quem tem dificuldade de compreensão oral também tem de entender o que lê. Os problemas são diferentes, a recíproca - compreender sem ler - é verdadeira, mas é mais óbvia. No caso do programa governamental, fala-se não apenas numa capacidade não definida de compreensão de textos, mas também aí se incluem conhecimentos matemáticos.

Falar em Alfabetização matemática pode ser até uma metáfora interessante, mas só seria útil se ajudasse a reforçar o sentido próprio da palavra Alfabetização, e não para confundir o País.

A falta de clareza na definição da Alfabetização leva a outros problemas. Sem ela não é possível especificar as competências necessárias para ensinar o cérebro a aprender a ler. Se consultada, a comunidade científica certamente poderia contribuir com seus conhecimentos acumulados por meio de estudos de laboratório, experimentais e empíricos e cujos resultados apresentam elevado grau de convergência.

A comunidade acadêmica poderia ter apresentado as conclusões convergentes dos achados acumulados a respeito da importância dos métodos na Alfabetização, inclusive explicando que os fônicos são mais eficazes não apenas porque há evidências empíricas sobre isso, mas porque eles são consistentes com a forma de funcionamento do cérebro.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Os especialistas também diriam que os métodos de Alfabetização propostos pelo MEC, que preconizam o contexto, tiram o foco do objeto da aprendizagem e criam sobrecarga cognitiva, prejudicando não apenas a aprendizagem da leitura, mas, posteriormente, a capacidade de compreensão.

Não paira dúvida sobre a importância de desenvolver competências de fluência de leitura como parte integrante do processo da Alfabetização. Leitura fluente está fortemente associada ao domínio prévio das competências de decodificação e : seu desenvolvimento depende : dos tipos e gradação de textos e das técnicas de exposição repetida e espaçada. Fluência de leitura, isto é, a capacidade de reconhecimento de palavras independentemente do contexto, é uma das marcas que melhor diferenciam os bons dos maus leitores. Nada disso consta das propostas do MEC nem dos materiais que oferece.

Também caberia a cientistas e pesquisadores nas áreas aplicadas opinar sobre programas de Ensino, materiais didáticos ou até mesmo quanto à idade mais propícia para ensinar o cérebro a ler. Se consultados, poderiam dizer, com confiança e segurança, que as habilidades fonológicas afloram e se desenvolvem ao longo dos anos que precedem a Escolarização formal, por volta dos 4 e 5 anos de idade. E que aos 6 anos as crianças, em sua esmagadora maioria, já possuem todas as condições necessárias e suficientes para se alfabetizarem.

Estudos rigorosos também demonstram os efeitos negativos sobre aqueles que não se alfabetizam na idade certa. E estudos comparativos mostram que, mesmo em países em que o código alfabético é mais opaco do que o nosso, as crianças se alfabetizam nessa idade.

Assim, uma política de Alfabetização que levasse em conta as evidências científicas, ao invés de retardar o processo de Alfabetização, delegaria às pré-escolas importantes responsabilidades no desenvolvimento dessas : competências, bem como no conhecimento das letras e suas formas.

Se consultados, os estudiosos da matéria teriam igualmente algo fundamentado a dizer a respeito de como devem ser os materiais adequados para ensinar a ler, e que muito diferem do que é oferecido nos livros e cartilhas de Alfabetização aprovados pelo MEC.

Infelizmente, o governo federal não julga importante ouvir : os que efetivamente dominam essa matéria. Prefere buscar o consenso entre aqueles que, embora militem na área de Educação, não participam nem compartilham os critérios acadêmicos adotados pela comunidade internacional.

Conhecimento científico, mesmo quando bem fundamentado, não leva por si só a promover virtudes cívicas, bons comportamentos ou políticas virtuosas. De pouco valem os estudiosos do cérebro, se o cérebro de quem decide prefere ignorar ou desprezar as suas contribuições. Mas o desconhecimento e o desprezo pelo conhecimento certamente deixa vítimas. Os resultados da Educação brasileira estão aí como prova.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Folha de São Paulo	<b>Editoria:</b> Cotidiano	<b>Data:</b> 18/12/2012
<b>Assunto:</b> Opinião: os desafios da educação		<b>Página:</b> Online

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL \* \* \* WWW.FOLHA.COM.BR

# FOLHA DE S.PAULO

## OPINIÃO: OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO

"Temos que garantir pelo menos sete horas de aula por dia, como fazem os países mais bem colocados no Pisa", afirma Cláudia Costin

Os recentes resultados do Ideb, índice nacional que mede o desempenho da Educação, permitem uma percepção clara dos desafios ainda a serem enfrentados se o Brasil deseja ter um desenvolvimento que inclua a todos.

Muito do que deve ser feito demanda ação firme dos municípios. Ainda temos muito a fazer, mas celebramos o avanço da Educação no Rio de Janeiro: colocada agora em 4º lugar entre as capitais, para os anos iniciais, as Escolas cariocas melhoraram em 22% nos anos finais, refletindo uma nota mais elevada na Prova Brasil e uma redução na evasão Escolar e na repetência.

A importância da obtenção desses resultados em pouco tempo é clara quando voltamos à situação presente anos antes: só 29% das crianças de 5º ano com os conhecimentos apropriados para a série, pela Prova Brasil de 2007 (caindo de um patamar de 33% em 2005). Existiam 28 mil Alunos Analfabetos funcionais de 4º a 6º anos, sendo quase 17 mil apenas no 6º.



**Veículo:** Diário Catarinense

**Editoria:** Artigos

**Data:** 18/12/2012

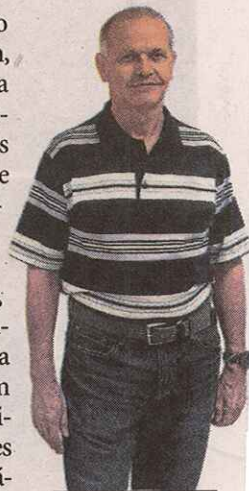
**Assunto:** Investimentos e a qualidade da educação

**Página:** 16

## DIÁRIO CATARINENSE

### Investimentos e a qualidade da educação

**I**nvestimentos na educação não necessariamente acompanham, na mesma proporção, uma melhora no desempenho dos estudantes. Entre 65 países participantes da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Brasil ocupa o 15º lugar em investimentos na educação, aplicando, hoje, 5,7% do seu PIB, mas, segundo o Pisa, programa de avaliação da qualidade da educação da mesma organização, se coloca em 53º lugar quando se trata de qualidade em educação, abaixo de países como Coreia do Sul, Canadá, Austrália, Suíça, Estados Unidos e outros que investem bem menos.



**ANTÔNIO EUGÊNIO TERÊNCIO**  
Administrador de empresas em Florianópolis

Mas por que o Brasil, mesmo aplicando bem mais que estes países, não consegue transformar o investimento em qualidade educacional? Mesmo nos estados mais ricos e com investimento maior em educação, o nível de aprendizagem dos estudantes brasileiros é baixo, principalmente no ensino médio e especialmente em matemática. Recente relatório elaborado pelo movimento Todos pela Educação, com base em informações coletadas pela Prova Brasil e pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), mostrou que 89% de estudantes chegam ao final do ensino médio sem aprender o mínimo desejado nessa disciplina. Também há pesquisas apontando que 38% dos alunos em universidades brasileiras não têm alfabetização adequada.

Algo de errado está acontecendo e necessita urgente reação. Discute-se a possibilidade de investir 10% do PIB em educação para os próximos anos, mas, com certeza, há muitas outras formas de melhorar a eficácia e a eficiência dos recursos hoje aplicados, inclusive em velocidade compatível com as exigências educacionais do mundo moderno. Métodos de ensino hoje utilizados já não atendem mais às demandas da educação. A escola precisa buscar a transformação das práticas pedagógicas, motivando o aluno a aprender.

**Discute-se a possibilidade de investir 10% do PIB em educação, mas há outras formas de melhorar a eficácia e a eficiência dos recursos aplicados.**



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> A Notícia	<b>Editoria:</b> AN.Joinville	<b>Data:</b> 18/12/2012
<b>Assunto:</b> Grupo RBS publica caderno com matérias da bandeira		<b>Página:</b> 11

# A NOTÍCIA

### EDUCAÇÃO

#### Grupo RBS publica caderno com matérias da bandeira

O Grupo RBS, em parceria com a Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, publica neste mês o caderno especial da bandeira "A educação precisa de respostas", fruto das atividades da campanha institucional realizada desde agosto. A publicação reúne as principais reportagens publicadas nos veículos do Grupo. O caderno impresso será distribuído a um público específico, mas estará disponível no [www.precisamosderespostas.com.br](http://www.precisamosderespostas.com.br).



# SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

**Veículo:** Diário Catarinense

**Editoria:** Reportagem Especial

**Data:** 17/12/2012

**Assunto:** O faz de conta da educação

**Página:** 04 e 05

## DIÁRIO CATARINENSE

**A EDUCAÇÃO  
PRECISA DE  
RESPOSTAS.**

*De um lado, alunos despreparados que nunca receberam reforço escolar. Do outro, professores desmotivados. A adequação ao ensino fundamental, que há cinco anos passou de oito para nove anos, fez Santa Catarina recomendar aos docentes a aprovação de todos os alunos. Os 67.684 estudantes que em 2014 começam o ensino médio não são reprovados desde 2007, quando a mudança passou a valer.*

**JÚLIA ANTUNES LORENÇO**

O filho de Jair Batista Ramos faz as provas finais da escola esta semana. Sem nem saber a nota, ele já está matriculado na oitava série, a contragosto do pai. A preocupação de Jair é que, mesmo sem ter estudado e se dedicado, o garoto irá para o último ano do ensino fundamental. A realidade dele é a mesma de 67.683 alunos da rede estadual.

Eles são estudantes atingidos pela mudança do fundamental de oito para nove anos, que passou a valer no Estado em 2007, quando estavam na 2ª série. Desde então, são aprovados mesmo sem média para passar. A medida que o novo sistema foi sendo implantado, o formato antigo foi sendo extinto. Hoje, a rede estadual está com os seis primeiros anos do novo sistema e deixou de ter os seis primeiros do antigo.

A justificativa da Secretaria de Estado da Educação (SED) para os estudantes não reprovarem é que, se isso acontecesse, eles teriam que fazer o fundamental em 10 anos, porque

cairiam numa turma do novo modelo, que dura nove anos. Além disso, a SED promete, desde 2010, turmas de reforço no contrarturno para os alunos com problema no aprendizado, o que nunca aconteceu. O próximo ano é o último para que essas turmas recebam algum reforço antes de irem para o ensino médio. Mais um vez, há promessa para estes estudantes.

Jair não aceita a situação. Foi, inclusive, à promotoria da Infância e Juventude pedir providências. O caso foi arquivado por falta de provas. O pai acredita que poderá pegar as notas das provas finais do garoto, que saem até o dia 20, e que elas devem ser baixas. Mas ainda assim ele passará de ano. Ele tem consciência de que o filho não tem condições de chegar ao ensino médio em 2014.

– Ele vai começar sem base alguma e vai abandonar os estudos, porque vai ser obrigado a provar que sabe e não vai conseguir – destaca Jair.

A filha mais velha de Jair ganhou uma bolsa de estudos para fazer o ensino médio num dos melhores colégios particulares

de Florianópolis. Ele acredita que isso não acontecerá com o garoto.

### Para Jair, o filho precisa ser estimulado

Jair afirma que o filho não se dedicou e tem muita dificuldade. Ele não leu os livros necessários e nem se preocupou em levá-los para a aula. Ficaram todos em casa. Jair chegou a pensar que o filho tinha déficit de atenção e o menino fez os exames.

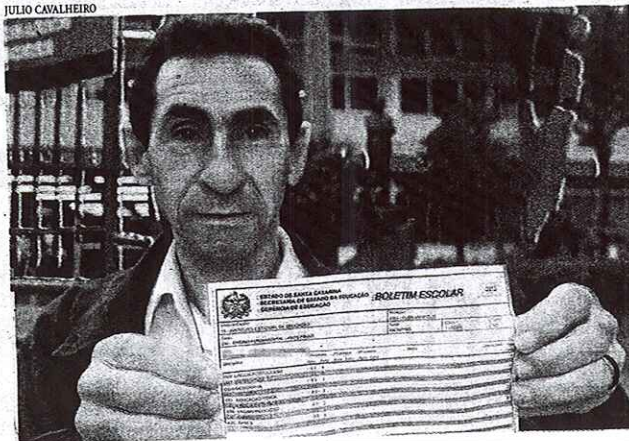
– Comprovei que ele não tinha problema, ele precisa apenas ser estimulado a estudar.

O pai foi todos os dias à escola e pediu para mudarem o filho de turma, mas não adiantou.

– As turmas de sétima série são terríveis. Conversei com os pais de amigos dele. Eles também estão sendo enganados. A gente espera que a escola mude, porque eles vão acabar abandonando as aulas – lamenta.

[julia.antunes@diario.com.br](mailto:julia.antunes@diario.com.br)

JULIO CAVALHEIRO



Disciplinas	Nota	Faixa	Nota	Faixa	Nota	Faixa
PORTUGUESA	2,0	4				
MATEMÁTICA	3,5	3				
CIÊNCIAS	3,0	3				
HISTÓRIA	4,5	2				
EDUCAÇÃO FÍSICA	3,0	3				
ARTES						

Jair mostra o boletim do filho, aprovado automaticamente desde 2007, apesar das notas baixas



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

### A SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

## Nenhum aluno recebeu reforço

O assessor da Diretoria de Educação Básica e profissional da Secretaria de Educação, Isaac Ferreira, admite que as aulas de reforço nunca saíram do papel, apesar de haver projetos e intenção de colocá-las em práticas. De acordo com ele, por falta de recursos e organização do orçamento, muitas propostas acabaram não executadas. Ferreira diz que a secretaria orienta os professores a oferecer recuperação aos estudantes. As aulas de reforço seriam apenas mais um mecanismo para ajudar na recuperação paralela, que deve ser dada pelo educador.

“

**ISAAC FERREIRA**

Assessor da secretaria de educação

*Não há mecanismos de cobranças nem supervisão do trabalho do professor. Não estou culpando o professor, estou culpando a forma como se faz a gestão da escola.*

### OS PROFESSORES

## Ética em sala de aula faz a diferença

Professora há mais de 20 anos, Maura Terezinha Girardi dá aulas no Instituto Estadual de Educação (IEE), na Capital. Ela conversou com muitos docentes sobre a questão. Em algumas turmas de sétima série, os educadores encontram bastante dificuldade em trabalhar. Em outras, eles têm a maioria de alunos esforçada e empenhada em aprender:

– Para cada sala de aula temos meia dúzia de alunos que não estudam e não respeitam professores porque sabem que estão aprovados.

Para ela, o primeiro problema da aprovação automática é colocar alunos despreparados nas séries seguintes, e o segundo são os professores desmotivados.

“

**MAURA GIRARDI**

Chefe de departamento do IEE

*Já tivemos professores, em anos anteriores, que não estavam nem aí, faziam de conta que ensinavam, já que muitos alunos faziam de conta que queriam aprender. Mas isso não acontece mais.*

### OS ESTUDANTES

## Sensação de abandono entre alunos

Baixa autoestima é um dos problemas que essas crianças podem ter no futuro. A psicóloga escolar e psicanalista Idaira Amoretti explica que a falta de cobrança gera a sensação de que ninguém se importa com o que irá acontecer com os estudantes.

Outro problema é esses alunos descobrirem muito tarde uma aptidão ou até mesmo um talento. De acordo com Idaira, que trabalha há 20 anos em escolas, é no ambiente escolar que a criança descobre habilidades. O retorno vem muitas vezes dos professores que elogiam o aluno na maneira de escrever ou a facilidade para resolver um problema de matemática, o que pode nortear a escolha profissional no futuro.

Para a psicóloga, reprovar significa dar limites e tirar a sensação de que se pode tudo.

“

**IDAIRA AMORETTI**

Psicóloga

*Se a escola proporciona aulas de reforço está dizendo: estou aqui porque você é importante para mim. O aluno com certeza vai responder positivamente.*